
Sentir e Fazer sentido: o gênero musical rap como uma forma de representação e acolhimento da sensibilidade e afeto negro.¹

Ana Laura dos Santos Cardoso²

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP

Resumo

Esse artigo traz observações acerca de como o gênero musical rap pode ser compreendido como uma forma capaz de proporcionar o acolhimento, escuta e voz para a sensibilidade, afetos e afetações da população negra. A partir do contexto histórico advindo do crime da escravidão, observa-se que a construção da ideia acerca do negro é pautada a partir da ideia de desumanização desses indivíduos e no silenciamento da sensibilidade dessa população, auxiliando na produção dessa forma, do ideal branco sobre a existência, verdade e a identidade preta. Para isso, buscou-se utilizar da compreensão de comunicação alinhada ao rap como uma experiência sensível, além de referenciais teóricos como Audre Lorde (2019), Conceição Evaristo (2020) e Jacques Rancière (2010).

Palavra-chave: sensibilidade negra; afeto; partilha do sensível; rap; comunicação.

No capítulo O uso da raiva: as mulheres reagem ao racismo, do livro *Irmã Outsider* (2019) de Audre Lorde, há presente no início do parágrafo a definição de racismo, compreendida como “A crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, portanto, em seu direito à dominância, manifesta e subentendida” (LORDE, 2019, p. 155).

Diante desse exposto inicial, neste artigo, apresenta-se as articulações acerca da investigação e da possibilidade de que o gênero musical rap possa ser entendido e visto como uma ferramenta capaz de combater o racismo e as violências que advém dessa prática, além de instituir novos significados para a população preta e periférica brasileira, a qual sofre de forma diária as consequências de um passado e ainda presente colonial, pautado na ideia da hierarquia da existência e vivência branca em relação aos negros.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Publicitária formada pela Universidade de Marília (UNIMAR). Mestranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru, onde faz parte da Linha de Pesquisa em Produção de Sentido na Comunicação Midiática. Atualmente pertence ao grupo de pesquisa MÍDIAisthesis e é bolsista CAPES. E-mail: ana-laura.cardoso@unesp.br.

Assim, busca-se neste estudo, visualizar o estilo musical rap como uma forma de representação e acolhimento da sensibilidade e afeto das pessoas pretas, através de uma perspectiva histórica social que demonstra a marginalização e a impossibilidade do sentir negro, do silenciamento de suas emoções e de sua existência desumanizada frente a existência superior branca do colonizador. Fato o qual passa a resultar na não possibilidade de lacunas para a experiência de sensibilidade sensível dos indivíduos negros, os quais são vistos e entendidos a partir de uma visão consequente do passado e presente escravocata e racista- o negro é forte, não possui emoções válidas e passa a ser compreendido como um ser animalizado.

Aqui, portanto, procura-se evidenciar que as consequências do racismo para a população preta perpassam aspectos sociais, pessoais e até mesmo intelectuais das problemáticas e violências “normais e naturais” que ocorrem no cotidiano dessas pessoas diante a sociedade brasileira, pautada através do racismo estrutural. Tenciona-se dessa forma, destacar as consequências psicológicas dessa prática na vida desses indivíduos, bem como o silenciamento e a impossibilidade de viver suas própria existência sensível e emotiva. O sentir negro é negado, apagado e silenciado.

Ao relacionar o viés dos estudos epistemológicos e comunicacionais, onde se compreende a comunicação como uma forma para a ação, transformação e mudança, bem como a consideração de embasamentos que envolvem a Teoria da Recepção, torna-se possível visualizar o gênero musical rap para além de suas características políticas, sociais e de resistência, mas também como aquele que é capaz de promover a partilha do sensível, do compartilhamento de ideias, sensibilidades e sentidos, promovendo uma comunicação plena de estesia, tendo assim então, a percepção de comunicação alinhada ao rap como uma experiência estética.

No artigo em questão, busca-se entender e analisar a nova fase e/ou “nova escola” do estilo musical, tencionando o período atual do rap, como o que mais apresenta em suas músicas e letras a sensibilidade e afeto negro, em um sentido onde pessoas pretas estão falando para pessoas pretas suas reais emoções, seu estado mental e psicológico frente a violência do silenciamento das emoções pretas como consequências do racismo e das práticas que advém dele, silêncio esse, que passa a engolir uma construção da identidade negra a partir da não possibilidade de sentir e expressar seus afetos e sensibilidades, fatores que correspondem assim, a uma forma possível para a

inivibialização do empoderamento e reconhecimento identirário negro, por exemplo, além do fortalecimento dos esteriótipos sociais e imaginários coletivos acerca da existencia negra.

Com foco, ao analisar especialmente a cantora MC Luanna, mulher, negra e jovem periférica, que se encontra inserida na cena do rap investindo em sua carreira desde meados de 2020 e fazendo de sua arte uma forma de cantar vivências, observa-se que a rapper, realiza não apenas e por meio de um olhar de crítica sobre a realidade preta e periférica e suas vivências proporcionadas devido a esse contexto de inserção, mas através de uma visão onde pessoas pretas possam se sentir pertencentes a um diálogo de escuta e fala que a cantora expõe em seus versos, de uma forma, que aqueles que a escutam, sentem o apoio, escuta e valorização de sentidos, sensações e emoções das pessoas pretas para além da raiva ou fúria, sentimentos considerados como intrínsecos para esses indivíduos de acordo com a sociedade racista a qual estão inseridos.

Sentir é preciso, o rap como forma de respiro e resistência.

O gênero musical rap, é um estilo da música que provém das ruas, ele é preto e periférico, possui influência da conexão estabelecida entre Estados Unidos e Jamaica (Teperman, 2015, p.01) e tem como base a expressão por meio da música, - sendo um dos pilares do movimento hip-hop, da crítica e denúncia social, apresentando assim, de forma explícita e real a realidade preta e periférica e as problemáticas vivenciadas a partir disso quando se analisa principalmente o estilo musical no Brasil. No país, se encontram e surgem das periferias os principais nomes do gênero, assim, rappers e jovens periféricos, veem no estilo uma tentativa de contar uma nova história, em uma perspectiva de *nóis por nóis*, (re)escrevendo sua própria narrativa.

Percebe-se no rap, ao longo dos anos, uma transição na mudança do discurso daqueles que fazem a rima e a poesia desse gênero no Brasil, de forma mais concisa, observa-se uma mudança na possibilidade de expressão de certos sentimentos e realidades sensíveis através das músicas desse estilo. Diante do exposto, fica possível notar novas potencialidades e formas de resistência advindas do fazer rap. Assim, para além do fato de que até os dias atuais o estilo musical nos mostra apontamentos

políticos e de crítica social sobre a realidade preta e periférica brasileira e a visão estereotipada sobre esses indivíduos anunciada pela realidade hegemônica e colonial a qual vivemos, a partir, principalmente, da nova geração do movimento, observa-se nesse estilo musical, um compromisso mais explícito quanto a necessidade de mostrar o sentimento negro a partir de suas vivências de uma maneira mais sensível, em um sentido mais direto e seu real entendimento emocional como um *ser* humano.

Audre Lorde (LORDE, 2019, p. 173), pontua, “Foi assim que eu aprendi que, se eu não me definisse, eu seria abocanhada e engolida viva pelas fantasias dos outros ao meu respeito”. Ao analisar a fala da escritora e ao se realizar uma aproximação quanto a realidade de indivíduos negros frente a sociedade na qual vivemos, juntamente ao trazer em questão os embasamentos do rap, evidencia-se que, é através de discursos e formas de resistir e sobreviver, bem como a atuação do rap, que fazem surgir e ascender novas narrativas e compreensões, mesmo que de forma individual e subjetiva para quem faz o rap, por exemplo, possíveis e capazes de empoderar e criar/recriar a identidade negra nesses indivíduos e em todos aqueles que se veem de forma semelhante aos artistas do gênero.

Logo, para os indivíduos negros, parafraseando Audre Lorde (LORDE, 2019, p. 173), pode-se dizer que “Foi assim, no silenciar das emoções, na ideia e no preconceito já pré-concebidos, na vivência que dói e machuca que eu me vi possível, pertencente e vivo”. Assim, observa-se no gênero uma forma de expressar mais do que uma ficção e sim como uma maneira de se expressar como um ser humano, que sente e existe de uma forma controversa ao que indivíduos negros foram obrigados a se “identificar” ao longo de toda a história da humanidade. Sendo assim, o rap e sua atuação, através da visão aqui estabelecida, se concretiza com as afirmações do rapper Sabotage, “O Rap é compromisso, não é viagem” (2000).

Na música Dualidade (2024), lançamento de MC Luanna com feat de Drika Barbosa, em seu álbum Sexto Sentido, as cantoras apresentam a canção como uma espécie de diálogo entre ambas, onde em uma relação de amizade, as artistas realizam essa conversa sobre a forma como se sentem, ao ter que viver em uma realidade de dualidade entre o âmbito pessoal e artístico vivenciado devido a carreira.

MC Luanna, no início da música expressa que,

Porque existe uma expectativa do que as pessoas querem
E existe quem a gente é, tá ligado?

E nós somos uma verdade incrível que precisa ser falada
Eu não quero ser só a Luanna agressiva
Também sou sensível e humana (MC LUANNA, 2024).

Ao deixar explícito que a mesma não quer ser vista como “só a Luanna agressiva”, evidencia-se que a cantora sabe e entende que a visão acerca de sua postura e seu jeito de ser, é entendida por aqueles que estão à volta, como algo condicionado a sua figura- mulher e negra. Entretanto, a cantora expõe em seus versos que ela também é “sensível e humana”. As justificativas possíveis para esse pré concebimento sobre a cantora MC Luanna ou para a Luana Santos Oliveira, fora da percepção artística e pública, podem ser vistas como as mesmas, fazem parte da construção imaginária e social em relação às pessoas negras, no caso em específico, uma mulher negra. Logo, sendo uma persona publica ou não, os indivíduos negros são impossibilitados da alternativa de sentir de forma plena, pois a concepção que se tem de sua existência é pautada através da posição de submissão e capazes de sentir apenas emoções *negativas* como a raiva e a fúria, por exemplo, sendo considerados agressivos e histéricos em inúmeros cenários ao longo da vida, fato que ganha ainda mais ênfase quando leva-se em conta as questões de gênero, bem como as direcionadas as mulheres.

Em um dos trechos da música, a cantora Luanna evidência, “Pra que expor sentimento se eu não vou ganhar flores” e complementa a seguir,

Mas se eu puder ganhar, claro que me emociona
Se eu não tive o passado eu quero no presente
A gente sempre fala em trauma e papo de abandono
Mas se eu não mudar esse cenário vou cair no mesmo (MC LUANNA, 2024).

Nesses excertos da música, observa-se que a artista se mostra vulnerável, em um sentido de possibilidade, quanto aos seus sentimentos e emoções. Ao levantar a problemática na música em relação a forma como mulheres negras são tratadas em relação ao sentido afetivo/amoroso, a mesma expressa uma primeira posição, em um sentido comum, do que “já era de se esperar”, o entendimento da mulher preta em saber que só é vista pelo seu corpo, suas afetividades são ocultadas e homens a usam de forma corriqueira, como um objeto sexual, logo, para que ela realmente deveria mostrar seus sentimentos sendo que a mesma não é vista e tratada em um sentido afetivo, ou mesmo que seja baseado no respeito e cuidado?

Entretanto, ao continuar a analisar tal parte da música, observa-se a virada de chave da cantora no momento do desenvolvimento da letra, deixando perceptível que a

mulher e as pessoas pretas em geral são capazes de demonstrar afeto e sensibilidade e de antemão, essa comunidade sente e possui o direito de viver suas emoções, sejam afetos ou afetações, em um sentido que reivindica o lugar e posição de desumanização que foram inseridos e direcionados para essas pessoas ao longo de toda a existência.

Dessa forma, pode-se dizer que demonstrar a estesia negra é um compromisso individual, para a construção e/ou fortalecimento da identidade preta de forma subversiva a concepção hegemônica sobre esses indivíduos, mas também, um compromisso ancestral, sentir por e para aqueles que por muito tempo, foram “fortes”, “insensíveis”, “raivosos”, entre outros adjetivos.

Assim, ao se observar a prática do rap atual no Brasil, onde pode-se citar nomes juntamente com MC Luanna, a rapper Duquesa, Ajuliacosta, Baco Exu do Blues e Djonga, por exemplo, evidencia-se que a atuação desses e outros inúmeros artistas, juntamente ao estilo musical analisado, pode estar vinculada ao sentido de evidenciar a camada sensível da população negra e periférica e também a camada sensível desse gênero. Diante disso, destacar o papel do gênero musical rap como uma forma de dar voz e escuta a estesia negra é uma forma de resistência, um mecanismo para inibir, reduzir e criar novas narrativas para a história, sujeito e sensibilidade negra em decorrência de toda a vivência, restrições e impossibilidades que esses indivíduos são direcionados na vida em sociedade e também em suas relações pessoais.

Rimas, emancipação e novas narrativas

O conceito de Escrivivências, de Conceição Evaristo, se justifica na escrita da mulher negra, brasileira e as suas vivências durante a vida, em um sentido onde o material literário da autora se baseia nas experiências da coletividade a qual a mesma pertence, logo, a coletividade negra.

No material *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a Obra de Conceição Evaristo* (2020), no capítulo sobre a *Escrivivências* e seus subtextos, a autora brasileira aponta,

E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de ‘contar histórias para adormecer os da casa-grande (EVARISTO, 2020, p. 30).

Ao considerar a vivência negra escravizada acima, expressa por Conceição Evaristo, fica evidente o sentido de cerceamento para além da liberdade física dos indivíduos negros, mas também nota-se o cercear das emoções, do sensível dessa população.

Na mesma página a autora ainda afirma que

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Assim, ao envolver a potência e relevância dos expostos por Conceição Evaristo e ao se falar sobre comunicação, experiência estética e na partilha do sensível quando relacionada ao estilo musical rap e as possibilidades advindas dele, aqui expostas nesse estudo, torna-se importante evidenciar também o papel e potencial emancipador que essa experiência pode proporcionar, sendo assim, observa-se a capacidade de construir a prática de um espectador emancipado, um espectador ativo que se torna capaz de identificar e viver de acordo com a sua própria realidade, construindo sua própria narrativa a partir dos sentidos, signos, significados e compartilhamentos que ocorrem em uma experiência estética. Dessa forma, pensar o rap como uma forma de “não adormecer os da casa-grande” (EVARISTO, 2020, p. 30), mas principalmente, que seja uma maneira de despertar para os próprios sujeitos negros, como um mecanismo possível para se ser emancipado, mas também, na tentativa de compreender que o sentir e o sensível negro é sagrado, potente e resistência.

Referências

BARROS, L. Mendes de. Comunicação sem anestesia. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 159-175, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.590/1809-5844201719>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ITAÚ SOCIAL (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MC LUANNA. Dualidade. In: MC LUANNA. Sexto sentido [áudio]. 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4WX8VfKyZ4pzZag1FKg7uq>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. *El espectador emancipado*. Buenos Aires: Manantial, 2010.

TEPPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.